



Eixo 3 – Construção e Identidade Profissional

A construção da imagem bibliotecária na literatura fantástica: uma análise semiótica da saga *Dezesseis Luas*

The construction of the librarian's image in fantasy literature: a semiotic analysis of the beautiful Creatures saga

Gabriel Justino de Souza – InFoco na Biblioteconomia (INFOC) –
justinogabriel95@hotmail.com

José Mário de Oliveira Mendes – InFoco na Biblioteconomia (INFOC) –
jose.mario.oliveira.mendes@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa analisa a utilização da semiótica peirceana como instrumento para compreender a construção da imagem do bibliotecário na série literária fantástica *Dezesseis Luas*. Para isso, conceituamos os princípios de signo, objeto e interpretante, conforme a semiótica de Charles Sanders Peirce, e apresentamos um breve histórico do profissional ao longo do tempo. Utilizamos questionários para entender a percepção do leitor sobre as bibliotecárias na série e constatamos que a imagem construída é a de uma pessoa erudita, que trabalha em bibliotecas e usa óculos, demonstrando o comportamento dos signos e como são apreendidos na formação de representações sociais já pré-estabelecidas.

Palavras-chave: Semiótica. Construção de imagem. Literatura fantástica. *Dezesseis Luas*.

Abstract: This research analyzes the use of Peircean semiotics as a tool to understand the construction of the librarian's image in the fantasy literary series *Beautiful Creatures*. To do so, we define the principles of sign, object, and interpretant according to Charles Sanders Peirce's semiotics and present a brief history of the profession over time. Questionnaires were used to examine readers' perceptions of librarians in the series, revealing an image of an erudite individual who works in libraries and wears glasses, demonstrating how signs operate and are interpreted in shaping socially pre-established representations.

Keywords: Semiotics. Image construction. Fantasy literature. *Beautiful Creatures*.



1 INTRODUÇÃO

A imagem é a representação de um juízo de valor, apreciação ou conceito que a mente humana atribui a alguém, a algo ou a alguma coisa (Dicio, 2026). Compreende-se a imagem como uma construção resultante de múltiplas concepções, explicada pela semiótica a partir da tríade signo, objeto e interpretante, evidenciando como os sentidos são produzidos e interpretados (Joly, 2012; Peirce, 2003)

A construção da imagem pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas, dentre as quais se destacam os conceitos de estereótipo e perfil. Eles contribuem para a formação de representações sociais. O estereótipo atua como categorização simplificadora, enquanto o perfil descreve traços que configuram uma identidade (Rodrigues; Assmar; Jablonski, 2009; Roggau, 2006; Heller, 1985). Esses elementos influenciam diretamente a percepção de profissões, como a do bibliotecário.

Nesse contexto, a semiótica, especialmente a partir das contribuições de Charles Sanders Peirce (2003), oferece um instrumental teórico consistente para compreender como se dá a construção de sentido. Para o autor, o signo estabelece uma relação triádica com seu objeto e seu interpretante, sendo este último o efeito de sentido produzido na mente do intérprete. Santaella (1983) esclarece que o significado de um signo é sempre outro signo, numa cadeia contínua de interpretação. Dessa forma, a imagem do bibliotecário não é fixa, mas construída a partir das relações sógnicas e dos repertórios culturais previamente adquiridos pelos sujeitos (Souza, 2017).

A imagem do bibliotecário, ao longo do tempo, consolidou-se em três papéis: o sábio da Antiguidade, representado por Zenódoto de Éfeso, que enfrentava problemas complexos de classificação e crítica textual (Guterres, 2017); o guardião do Renascimento e da Idade Média, descrito por Milanesi (2002, p. 16) como um "devotado e estranho guardião do saber"; e o disseminador da informação, que surge no final do século XX com o advento das novas tecnologias (Jacobsen, 2010). Essas representações coexistem e influenciam a percepção contemporânea da profissão.

A literatura fantástica configura-se como espaço privilegiado para a construção de representações simbólicas. Segundo Todorov (2007), o fantástico caracteriza-se pela



hesitação do leitor e/ou personagem diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural, cuja explicação oscila entre o natural e o sobrenatural. A saga literária *Beautiful Creatures*, escrita por Kami Garcia e Margaret Stohl, insere-se como objeto de análise por apresentar um universo narrativo no qual elementos sobrenaturais se articulam ao cotidiano, possibilitando a construção de significados complexos (Souza, 2017). Publicada a partir de 2009, a obra narra a história de Ethan Wate e Lena Duchannes em uma pequena cidade do sul dos Estados Unidos, onde o conhecimento oculto e a mediação da informação desempenham papel fundamental na trama.

Dessa forma, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: qual a imagem construída do bibliotecário na saga literária *Beautiful Creatures*? Para isso, adota-se como objetivo geral analisar, sob a ótica da semiótica peirceana, a construção da imagem do profissional bibliotecário a partir das personagens Marian Ashcroft, Lila Evers Wate e Olivia Durand (Liv), utilizando como base os dados fornecidos nos quatro livros que compõem a saga: *Dezesseis Luas*, *Dezessete Luas*, *Dezoito Luas* e *Dezenove Luas*.

Nesse universo, personagens vinculados ao conhecimento e à mediação da informação, como as bibliotecárias, assumem funções relevantes, atuando como agentes de interpretação e acesso ao saber. Assim, a presente pesquisa busca compreender como se dá a construção da imagem do bibliotecário na literatura fantástica, a partir da análise da saga *Beautiful Creatures*, considerando os processos semióticos envolvidos e os elementos simbólicos que contribuem para a formação dessa representação no imaginário do leitor.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui caráter exploratório e abordagem predominantemente qualitativa, complementada por dados quantitativos descritivos (Gray, 2012). O objeto de análise é a saga literária *Beautiful Creatures*, composta por quatro livros: *Dezesseis Luas*, *Dezessete Luas*, *Dezoito Luas* e *Dezenove Luas*.

Para a fundamentação teórica, utilizou-se a semiótica peirceana com foco na tríade signo, objeto e interpretante, bem como referenciais sobre a imagem do bibliotecário e o gênero fantástico. A análise concentrou-se nas personagens Marian



Ashcroft (bibliotecária-chefe do condado de Gatlin e Guardiã), Lila Jane Evers Wate (mãe do protagonista e antiga Guardiã) e Olivia Durand (Liv), aprendiz de Guardiã.

Os dados empíricos foram coletados por meio de questionário estruturado no Google Forms, aplicado via rede social Skoob a leitores que resenharam o último volume da saga, totalizando 243 contatos e 44 respostas válidas (taxa de retorno de 18,1%). Embora reduzida, a amostra é compatível com o caráter exploratório da pesquisa, permitindo identificar tendências de percepção, mas não generalizações estatísticas.

O questionário foi composto por sete perguntas, buscando saber a percepção dos respondentes sobre quais personagens consideravam bibliotecários e quais características (signos) os levaram a essa conclusão. Sendo feitas as seguintes perguntas: 1) Qual a sua idade; 2) Gênero: masculino, feminino ou outras identificações de gênero; 3) Você já leu algum livro da saga?; 4) Quais você leu?; 5) Dentre os personagens, você considera algum como bibliotecário?; 6) Qual (is) personagem (ns) você percebe como bibliotecário (as)?; 7) Cite as características (físicas, psicológicas e de personalidade), desse (s) personagem (ns) que te ajudaram a identificá-lo como bibliotecário (s).

A análise dos dados qualitativos baseou-se na análise de conteúdo, com categorias construídas a posteriori a partir da leitura flutuante das respostas. Os autores realizaram a categorização de forma independente, com posterior discussão e consenso para validação das categorias finais. Para a análise semiótica, operacionalizou-se a tríade peirceana: identificaram-se os signos (elementos verbais e visuais que remetem à figura do bibliotecário); relacionaram-se esses signos ao objeto (imagem do bibliotecário, seus arquétipos e funções); e analisou-se o interpretante (efeitos de sentido captados pelo questionário). Os signos mais recorrentes foram quantificados, e os dados quantitativos tratados por estatística descritiva simples.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise semiótica da obra e a percepção dos leitores, revelam como os signos apresentados por Garcia e Stohl constroem uma imagem multifacetada do profissional



bibliotecário, que transita entre o conhecimento enciclopédico, a guarda de segredos e a ruptura com estereótipos visuais clássicos.

3.1 As Guardiãs do Conhecimento: análise das personagens

Na saga, as personagens bibliotecárias são apresentadas como detentoras de um conhecimento que ultrapassa o mundo mortal. Marian Ashcroft é descrita como a segunda historiadora mais inteligente de Gatlin (Stohl; Garcia, 2014a). Um signo recorrente é sua erudição, evidenciada por citações de obras como *Antígona*, de Sófocles, ou referências a Martin Luther King Jr. e Ray Bradbury.

Além da inteligência, a obra introduz o signo da "Guardiã". Marian revela a Ethan e Lena que é a bibliotecária dos Conjuradores, responsável pela *Lunae Libri*, uma biblioteca que só funciona em feriados e cujos livros não podem ser tocados por mortais. Ela afirma: "Sou Mortal. Sou neutra. [...] Sempre tem que haver um [Guardião], e agora sou eu" (Stohl; Garcia, 2014a, p. 216). Esse signo a conecta diretamente à figura histórica do bibliotecário como guardião do saber, embora também atue como disseminadora para os protagonistas.

Olivia Durand (Liv), aprendiz de Marian, reforça os signos de conhecimento técnico e juventude. Logo ao ser apresentada, debate com Marian sobre sistemas de classificação, mencionando a Classificação Decimal Universal e a Classificação Decimal de Dewey (Stohl; Garcia, 2014b). Sua trajetória introduz um signo de coragem e ruptura com a neutralidade, pois sacrifica seu futuro na *Lunae Libri* para ajudar os protagonistas (Stohl; Garcia, 2014b).

Lila Evers Wate, mãe de Ethan, falecida antes do início da trama, tem sua imagem construída por signos de memória e afeto. Sua lápide traz a inscrição *Scientiae Custos* (Guardiã do Conhecimento), sintetizando sua identidade profissional (Stohl; Garcia, 2014b). Sua presença se manifesta através de músicas sinalizadoras que guiam o filho, demonstrando que a mediação da informação transcende a morte.

A análise das personagens Marian, Liv e Lila evidencia, portanto, que a construção da imagem do bibliotecário na saga *Beautiful Creatures* articula os arquétipos históricos da profissão com elementos do gênero fantástico. O objeto bibliotecário apresenta uma continuidade em relação ao que já está pré-definido na



mente das pessoas, ao mesmo tempo em que, em alguns momentos, os signos refutam esse senso comum, trazendo à tona outras nuances do objeto bibliotecário.

Dessa forma, as autoras reforçam signos tradicionais como erudição e guarda do conhecimento, ao mesmo tempo em que subvertem expectativas ao apresentar mulheres que fogem do estereótipo visual clássico e transitam com naturalidade entre o mundo mortal e o sobrenatural. Essa articulação sónica contribui para oferecer aos leitores uma representação mais dinâmica e valorizada do profissional bibliotecário, essencial para a manutenção do equilíbrio entre as forças que regem o universo ficcional da saga.

3.2 A percepção do leitor e a construção sónica

Os dados do questionário (leitores com idade média de 24,36 anos, 68,2% feminino) confirmam a eficácia da construção sónica. Para 95,5% dos leitores, há um bibliotecário na saga. A combinação "Lila, Liv e Marian" foi a mais citada (47,7%). Individualmente, Marian foi apontada por 63,6%, Lila por 65,9% e Liv por 28 respondentes. As respostas abertas sobre as características que justificavam essa percepção foram categorizadas, revelando os principais signos apreendidos:

Quadro 1 – Categorização das características das bibliotecárias apontadas pelos leitores

Categorias (Signos)	Número de citações	Personagens relacionados
Livros	21	Amma, Ethan, Lena, Lila, Macon, Marian, Liv
Trabalha em biblioteca	12	Amma, Lila, Marian, Liv
Inteligência, conhecimento e sabedoria	09	Amma, Ethan, Lena, Lila, Marian, Macon, Liv
Guardiã/guardião	08	Amma, Ethan, Lila, Macon, Marian, Liv

Fonte: Os autores

Os dados coletados evidenciam, portanto, que a construção da imagem do bibliotecário pelos leitores da saga *Beautiful Creatures* ocorre por meio de um processo semiótico no qual os signos funcionais se sobrepõem aos signos meramente estéticos. Ao analisarmos as respostas abertas dos participantes, percebemos como a relação triádica descrita por Peirce é feita com vários signos que apontam para o objeto bibliotecário, sendo o interpretante que os interpreta e relacionando-os com o objeto.

Dessa forma, signos como conhecimento, inteligência, biblioteca e livros atuam como reflexos do objeto bibliotecário na mente dos leitores, confirmando que a



percepção do profissional está ancorada muito mais em sua práxis, ou seja, o trabalho com o acervo, a mediação da informação e a guarda do conhecimento, do que em estereótipos visuais cristalizados no senso comum.

Essa percepção dos leitores revela um movimento importante em relação aos estereótipos profissionais. Embora o bibliotecário seja associado a uma imagem envelhecida, com óculos e coque, as respostas obtidas demonstram que os leitores da saga priorizam elementos funcionais em detrimento de características físicas. A construção identitária do bibliotecário, nesse contexto, ancora-se em elementos com o domínio do conhecimento, a mediação da informação e a guarda do acervo e não em atributos estéticos cristalizados.

Um aspecto que merece atenção na construção das personagens bibliotecárias da saga é a relação de semelhança estabelecida pelas autoras entre Marian Ashcroft e sua aprendiz, Olivia Durand. Logo ao apresentar Liv ao leitor, Ethan Wate, o narrador, observa que "até a primeira vista, a garota tinha um pequeno grau de semelhança com Marian que era difícil de descrever e que não havia em mais ninguém na cidade", concluindo que "elas podiam ser mãe e filha" (Stohl; Garcia, 2014b, p. 105). Essa afirmação é imediatamente seguida por uma ressalva importante: "Exceto pelo cabelo com mechas cor de mel, a pele clara e o sotaque, elas podiam ser mãe e filha". As autoras, portanto, constroem uma equivalência entre as duas personagens no que tange à sua essência, como a erudição, o amor pelos livros, a dedicação à guarda do conhecimento, ao mesmo tempo em que estabelecem uma clara distinção fenotípica: Liv é branca, loira e de pele clara; Marian é uma mulher de pele morena, fruto da miscigenação caribenha e sulista.

Essa escolha narrativa não é meramente estética, mas carrega consigo uma potente carga simbólica: Marian é uma mulher negra ocupando uma posição de autoridade intelectual em uma pequena cidade do sul dos Estados Unidos, região historicamente marcada pela segregação racial e pelo racismo estrutural. Ao construir uma bibliotecária-chefe afro-americana, erudita, independente e respeitada por toda a comunidade, incluindo a aristocrática família Ravenwood, as autoras utilizam o signo da cor da pele não como elemento de estigmatização, mas como afirmação de uma identidade múltipla, que dialoga criticamente com a história da região onde a trama se



ambienta e amplia o repertório representacional da figura do bibliotecário na literatura.

A ambiguidade dessa construção narrativa revela, assim, como os signos textuais não são recebidos de forma unívoca, mas são interpretados a partir dos repertórios culturais e das estruturas sociais que moldam a percepção do leitor. Embora os questionários aplicados nesta pesquisa não tenham investigado diretamente a percepção racial das personagens, a análise semiótica da obra permite identificar, já no nível da enunciação, os mecanismos pelos quais a negritude pode ser simultaneamente afirmada e posta em risco de apagamento, dependendo de como os signos são articulados e de quem ocupa a posição de sujeito que enuncia.

A pesquisa revela, assim, que mesmo quando a aparência física das personagens rompe com a imagem tradicional da bibliotecária de coque e óculos, os leitores são capazes de identificá-las inequivocamente como bibliotecárias, demonstrando que o conteúdo sógnico relacionado à função profissional é o elemento verdadeiramente determinante na construção dessa imagem no imaginário do público leitor.

É importante destacar, contudo, que a análise aqui desenvolvida não contemplou sistematicamente a dimensão racial das personagens, especialmente no que se refere à caracterização de Marian Ashcroft como uma mulher negra. Embora essa seja uma reflexão pertinente e emergente nos resultados, sua inserção no presente estudo ocorre de forma exploratória, uma vez que o instrumento de coleta de dados não foi desenhado para captar especificamente essa variável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da saga Beautiful Creatures à luz da semiótica peirceana e dos dados de percepção dos leitores, permitiu desvelar o processo de construção da imagem do bibliotecário na literatura fantástica contemporânea. Conclui-se que a imagem construída é multifacetada, ancorando-se em signos que resgatam arquétipos históricos da profissão (o sábio, o guardião), ao mesmo tempo em que os atualiza para um contexto narrativo marcado pelo sobrenatural.



As personagens Marian, Lila e Liv não são meras coadjuvantes; elas são representadas como agentes centrais na trama, detentoras de um conhecimento vital para o desenrolar dos acontecimentos. A percepção dos leitores corrobora a análise textual, demonstrando que os signos mais potentes para a identificação do profissional não residem apenas na aparência física, mas, sobretudo, na sua relação com o universo simbólico da biblioteca, dos livros e do conhecimento especializado.

A pesquisa também evidencia uma resignificação profissional na narrativa fantástica: embora elementos tradicionais sejam mantidos, a associação a personagens femininas jovens, dinâmicas e racialmente diversas amplia o repertório representacional da biblioteconomia.

Como desdobramento, sugere-se que investigações futuras incorporem perguntas específicas sobre a percepção racial das personagens em seus instrumentos de coleta, a fim de verificar empiricamente como leitores interpretam a descrição de Marian Ashcroft e se essa descrição influencia a construção de sua imagem mental, a fim de lançar luz sobre como o racismo estrutural opera na economia dos signos, revelando quais corpos são autorizados a ocupar determinados lugares simbólicos no imaginário coletivo.

Esta pesquisa não esgota a temática, mas contribui para a compreensão de como a linguagem sígnica opera na consolidação de imagens profissionais no imaginário social. A literatura fantástica, ao criar universos onde o conhecimento é literalmente mágico e perigoso, eleva o status do bibliotecário à figura de um guardião essencial, uma representação que, espera-se, possa ecoar para além da ficção, valorizando a complexidade e a relevância da profissão na realidade.

A análise revelou não apenas os signos mobilizados para dar corpo às personagens, mas também o modo como leitores os reinterpretaram a partir de seus próprios repertórios. Esse trânsito evidencia que as imagens profissionais não são reflexos passivos da realidade, mas construções ativas, atravessadas por experiências e imaginários. Que esta pesquisa inspire reflexões sobre quais signos desejamos ver associados à nossa profissão, tanto na ficção quanto na realidade.



REFERÊNCIAS

DICIO: dicionário online de português. **Imagem**. 2026. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/imagem/>. Acesso em: 06 abr. 2026.

GUTERRES, Tiago da Costa. **Heródoto versus khrónos**: kléos, escrita da história e o autor em busca da posteridade. 2017. 185 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/171228>. Acesso em: 10 abr. 2026.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

JACOBSEN, Priscila Saraiva. **A imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção**. 2010. 127 f. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/25765>. Acesso em: 11 mar. 2026.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2012.

MILANESI, Luiz Augusto. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Evelline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia social**. 27. ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ROGGAU, Zunilda. Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad. **Inf. cult. soc.**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires , n. 15, p. 13-34, dic. 2006. Disponível em: bit.ly/4ePbDX5. Acesso em: 18 jun. 2026.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOUZA, Gabriel Justino de. **Da erudição à disseminação**: uma imagem do bibliotecário construída através da literatura fantástica e série televisiva. 2017. 134 f. TCC (Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação) - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2017. Disponível em: bit.ly/4aAegtq. Acesso em: 29 mar. 2026.

STOHL, Margaret; GARCIA, Kami. **Dezesseis luas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2014a.

STOHL, Margaret; GARCIA, Kami. **Dezessete luas**. 9. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2014b.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

